

Guiné-Bissau

Sistema de Seguimento da Segurança Alimentar e Nutricional (SiSSAN)

Inquérito SiSSAN, Maio 2017

Boletim N° 4 Julho 2017



Organisation des Nations Unies
pour l'alimentation
et l'agriculture



UE-AINDA



Accões Integradas em Nutrição e Desenvolvimento Agrícola

Guiné-Bissau

Sistema de Seguimento da Segurança Alimentar e Nutricional (SiSSAN)

Introdução

O inquérito SiSSAN (Sistema de Seguimento da segurança Alimentar e Nutricional) foi realizado em maio de 2017, na sequência de uma abordagem inclusiva e participativa das partes interessadas e em diferentes etapas do processo para facilitar a apropriação dos resultados por todas as partes.

O inquérito foi realizado entre 18 a 26 de maio de 2017.

Tal como aquele que decorreu no mês de dezembro, o inquérito de maio foi realizado a nível nacional, em oito regiões com exceção de Setor Autónomo de Bissau. Apesar das dificuldades, o inquérito foi realizado num período de 9 dias como estava previsto e a amostra foi atingida em cem por cento.

Este boletim fornece os principais resultados sobre a situação da Segurança Alimentar e Nutricional do país no mês acima referenciado.

Objetivos

O objetivo deste inquérito é de reforçar o Sistema de Seguimento da Segurança Alimentar e da Nutrição, a fim de contribuir para a melhoria da segurança alimentar e nutricional das pessoas vulneráveis na Guiné-Bissau.

Especificamente, o inquérito visa:

- Atualizar e analisar os indicadores de Segurança Alimentar e Nutricional nomeadamente score de consumo alimentar, a proporções de despesas alimentares, as estratégias de sobrevivências, o índice da segurança alimentar, a diversidade alimentar mínima das crianças de 6 a 23 meses, a desnutrição aguda, moderada e grave das crianças de 6 a 59 meses;

- Cartografar as zonas em insegurança alimentar e nutricional para orientar os programas de assistência do Governo, PAM, FAO e dos parceiros;

- Produzir dados e documentos necessários para levar a cabo as ações de sensibilizações junto dos parceiros.



Contexto e justificação

Apesar de grande potencialidade da Guiné-Bissau no plano hidroagrícola, o país enfrenta muitas dificuldades económicas, como tem sido mostrado por vários dos seus indicadores socioeconómicos. A taxa de alfabetização é de 43,7%, a taxa de desemprego é de 10,5%. Em 2013, o Instituto Nacional de Estatística (INE) estima em 69,3% a taxa de pobreza da população com renda per capita de 620 USD. Nos resultados do MICS 2014, a taxa de desnutrição aguda global era de 6%, e as taxas de desnutrição crónica eram superior a 25% em todo o país. A mortalidade

infantil é alta 77,9 por mil e mortalidade materna de 560 por 100 mil nascidos vivos. A média nacional de prevalência do VIH é de 3,25% da população com idade compreendida entre os 15-49 anos.

Em relação ao plano regional, a Guiné-Bissau em 2015 ocupava o último lugar nos orçamentos brutos dos países da CEDEAO com um orçamento de 120 mil milhões de FCFA, e penúltimo lugar nos orçamentos das classificações ponderadas sobre o tamanho da população.



Organisation des Nations Unies
pour l'alimentation
et l'agriculture



UE-AINDA



Ações Integradas em Nutrição e Desenvolvimento Agrícola

Internacionalmente, o país está classificado em 178º sobre 188 países no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) (Ranking Mundial 2015). Esse fraco desempenho do país provavelmente está relacionado com a instabilidade política que o país enfrenta desde a sua independência em 1974. A Guiné-Bissau sofreu vários golpes de Estado e o último de abril de 2012, provocou paragem de vários setores produtivos e administrativos.

A situação política e económica, inevitavelmente, tem consequências sobre as condições de vida, situação alimentar e nutricional da população. É neste contexto que o Programa Mundial de Alimentação (PAM), o Governo da Guiné-Bissau, FAO, União Europeia e vários parceiros têm implementado o Sistema de Seguimento da Segurança Alimentar e Nutricional (SiSSAN) para fazer a atualização frequente e regular de dados da segurança alimentar e nutricional.

Em dezembro 2016, os resultados de SiSSAN indicavam que 29,1% dos agregados estavam em insegurança

alimentar e a taxa variou muito entre as regiões e em algumas ultrapassam mesmo 40%. Visivelmente as colheitas de cereais que estavam em curso no período de inquérito não influenciaram significativamente as taxas de insegurança alimentar. Quanto a prevalência de desnutrição aguda era de 5,4%.

Este último inquérito foi realizado durante o mês de maio 2017, que coincide com o período de colheita e comercialização da castanha de caju que é a principal fonte de renda para os agricultores, setor privado e o Estado. Também coincide com o período de colheita de mangas cujas plantações são muito importantes para economia e a segurança alimentar.

Metodologia

De 18 a 26 de maio de 2017, o Programa Alimentar Mundial (PAM) e os seus parceiros procederam a recolha de dados sobre a Segurança Alimentar e Nutricional nos agregados

rurais da Guiné-Bissau. Um total de 69 inquiridores foram contratados para coletar dados de segurança alimentar e da nutrição. No entanto, a região de Oio é conhecida pelas suas frequentes altas taxas de desnutrição, pelo que dois agentes de saúde, incluindo um técnico nutricionista, foram contratados para efetuar as medições do perímetro braquial (PB / MUAC) e a busca de edemas bilaterais.

Amostragem

Para este inquérito, o Instituto Nacional de Estatística da Guiné-Bissau (INE) adotou uma metodologia de amostragem probabilística estratificada a dois graus. No primeiro grau, foram tirados 215 distritos de recenseamento (DR) para constituir a amostra representativa de todos os DR rurais. A DR foi desenhada com uma probabilidade proporcional ao tamanho de cada região. No segundo grau, 15 agregados também foram sorteados sistematicamente em cada DR.

Esta metodologia permite criar uma amostra representativa das zonas rurais em cada região. Os agregados ao nível das Tabancas foram selecionados, aleatoriamente através de passos de tiragem específico para cada DR. No total, a amostra calculada foi de 3.225 agregados, divididos em 08 regiões (Bafatá, Gabu, Oio, Quinara, Tombali, Biombo, Cacheu e Bolama Bijagós), 38 setores e 699 Tabancas.

As crianças que foram objeto de medição do perímetro braquial (PB/MUAC: Mid Upper Arm Circumference) e de busca de edemas bilaterais provêm todos dos mesmos agregados selecionados dentro do questionário do agregado familiar. Em cada agregado selecionado, as medições do perímetro braquial (PB)/MUAC e de busca de edemas bilaterais foram feitas a todas as crianças de e 59 meses. Um total de 3.316 crianças foram medidas.

Formação de inquiridores

Durante três dias, os inquiridores foram treinados para entender melhor o âmbito do estudo, o conteúdo do questionário e a técnica da administração de questionário.

Seis (06) formadores ministraram a formação entre os quais 02 (dois) técnicos nutricionistas selecionados com a ajuda da Direção de Serviço da Alimentação, Nutrição e Sobrevivência de Crianças.



Organisation des Nations Unies
pour l'alimentation
et l'agriculture



UE-AINDA



Ações Integradas em Nutrição e Desenvolvimento Agrícola

A intervenção dos técnicos nutricionistas focalizou-se essencialmente em noção básica sobre técnicas de medidas antropométricas (MUAC) e de busca de edemas bilaterais, nas crianças de 6 a 59 meses. Para esse efeito, os exercícios práticos foram feitos no Centro de Saúde Regional de Bafatá com as crianças de 06-59 meses de idade, sob a supervisão de técnicos especialista em nutrição.

Antes do fim da formação foram realizados, testes práticos, para 72 inquiridores formados, no qual 69 foram selecionados e contratados para realizar a coleta de dados.

Instrumento de coleta de dados

Um questionário com os módulos da segurança alimentar e de nutrição, foi utilizado para a recolha de dados. As perguntas incidiram sobre a subsistência dos agregados familiares, frequência e diversidade da dieta, as despesas dos agregados, nomeadamente alimentares, os choques sofridos, estratégias de sobrevivência dos agregados, a diversidade alimentar das crianças de 6-23 meses de idade e as suas mães, etc. A aplicação do questionário foi feita através de Smartphone aumentando significativamente a qualidade dos dados graças às varias restrições inseridas na programação que permitem reduzir os erros e/ou respostas erradas.

Alem do questionário foram utilizados os dados do Sistema de Informação do Mercado (SIM) que fornecem informações sobre os preços de produtos alimentares de alguns mercados do país, assim como os dados do Ministério do Comércio.

Medição Antropométrica e Diversidade Alimentar Mínima

Para avaliação da situação nutricional das crianças de 6 a 59 meses de idade, realizou-se a medição do perímetro braquial (PB/MUAC: Mid Upper Arm Circumference) e busca de edemas bilaterais. O PB foi tirado com uma fita não-elástica graduada em milímetros e com precisão milimétrica. Um total de 3.316 crianças de 6-59 meses foram objeto de medição do PB. Além disso, foram observados edema bilateral em todas as crianças, empurrando três segundos no metatarso dos dois pés. O edema é identificado se houver sinal dos dedos (forma de balde) no metatarso dos pés.

Além disso, avaliou-se a diversidade alimentar mínima das crianças de 6 e 23 meses e das suas mães. Diversidade alimentar mínima das crianças de 6 a 23 meses é determinada pelo numero de grupos de alimentos consumidos distintamente, sobre um total de 7 grupos, nas ultimas 24 horas que antecedem a data da entrevista.

Estes 7 grupos alimentares são os seguintes: (i) os cereais, raízes e tubérculos, (ii) leguminosas e castanhas, (iii) os produtos lácteos (leite, iogurte, queijo), (iv) carnes e derivados (carne, aves, carne moído) e peixes, (v) ovos, (vi) frutas e vegetais ricos em vitamina A e (vii) outras frutas e legumes.

Os 7 grupos de alimentos tomados em referencia aplicam-se às crianças amamentadas. Para àquelas que não estão sendo amamentadas, o número será de 6, excluindo o grupo de lácteos (iii).

A diversidade alimentar mínima das mulheres de 15-49 anos, especificamente as mães das crianças de 6-23 meses selecionadas no âmbito deste inquérito, foi determinada com base em 10 (dez) grupos de alimentos definidos por uma guia elaborado pela FAO e FANTA/USAID: (i) cereais, raízes, tubérculo branco e bananas plantan (ii) leguminosas (feijões, ervilhas, lentilhas) (iii) castanha e grãos (iv) o leite e os produtos lácteos; (v) carnes, aves e peixes, (vi) ovos, (vii) os Legumes de folha verde escura, (viii) frutas e vegetais ricos em vitamina A, (ix) Outros produtos hortícolas, (x) Outras frutas.

A análise dos dados

A prevalência de insegurança alimentar é calculada com base na abordagem CARI (Abordagem para o relatório consolidado de indicadores de segurança alimentar), que classifica cada agregado inquerido em uma das quatro categorias de segurança alimentar a) segurança alimentar; b) segurança alimentar limite; c) insegurança alimentar moderada e d) insegurança alimentar grave.

A classificação baseia-se no estado atual da segurança alimentar dos agregados (indicadores de consumo alimentar) e suas capacidades de sobrevivência (indicadores de vulnerabilidade econômica e esgotamento dos ativos). Os dados Antropométricos foram analisados à partir do software Emergency Nutrition Assessment (ENA) para o cálculo das prevalência de desnutrição aguda e dos intervalos de confiança, e para a verificação da qualidade dos dados.

Neste inquérito, as prevalências da desnutrição aguda são



Organisation des Nations Unies
pour l'alimentation
et l'agriculture



UE-AINDA



Accões Integradas em Nutrição e Desenvolvimento Agrícola

baseadas unicamente a partir da medida do perímetro braquial, a presença de edemas bilaterais e foi analisado de acordo com as normas de classificação da OMS de 2006.

Tabela: Valor de PB e significado nutricional para as crianças de 65 à 110 cm de altura E/ou de 6-59 meses de idade.

Valor de PB	Significado nutricional
PB < 115 mm	Desnutrição Aguda Grave
PB ≥ 115 mm e < 125 mm	Desnutrição Moderada
PB ≥ 125 mm e < 135 mm	Risco de desnutrição
PB ≥ 135 mm	Não há desnutrição

Para a diversidade alimentar mínima das crianças de 06-23 meses de idade a proporção de crianças que receberam o número adequado de grupos de alimentos foi definida da seguinte forma:

As crianças de 6 a 23 meses de idade que receberam pelo menos 4 grupos de alimentos no dia anterior
crianças de 6 a 23 meses de idade

A diversidade alimentar mínima das mulheres 15-49 anos de idade foram definida de acordo com a metodologia da FAO e da FANTA/USAID (*Minimum Dietary Diversity for Women. A Guide to Measurement*). A proporção das mulheres que receberam um número adequado de grupos de alimentos será definida da

seguinte forma:

As mulheres com idades entre 15 e 49 anos que receberam pelo menos 5 grupos de alimentos no dia anterior
mulheres com idades entre 15 e 49 anos

Limitações da Metodologia

- Além das questões de segurança alimentar, muitas questões de nutrição, incluindo a diversidade alimentar de crianças e mulheres foram incluídas no questionário. Finalmente, o questionário foi longo, o que tornou o trabalho dos inquiridores bastante difícil e requerendo mais tempo de entrevista. O tamanho de questionário deverá ser revisto.
- Todas as crianças de 6-59 meses que não foram medidas PB estavam ausentes no momento da visita dos inquiridores aos respetivos agregados familiares;
 - A proporção de crianças não medidas é de 16%. Esta taxa elevada esta em grande parte ligada à implicação das mulheres (especialmente as mães de crianças pequenas) na colheita da castanha de caju;
- O inquérito foi realizado apenas em áreas rurais e, portanto, as estatísticas resultantes não pode ser consideradas nacionais.

Resultados

Situação do mercado e tendência dos preços

De acordo com a Direcção-Geral do Comércio Interno da Guiné-Bissau, os mercados do país estavam bem abastecidos durante o mês de maio de 2017, período em que o inquérito foi realizado. Em 31 de maio de 2017, o Departamento de Comércio estima o Stock de arroz em 59.701 toneladas, farinha de trigo 10.725 toneladas, o açúcar 1.606 toneladas e óleo alimentar 1.001.825 litros. No entanto, observa-se escassez desses produtos alimentar durante os meses de Junho e Julho de 2017.

Os dados de preços coletados pelo Escritório do PAM nos mercados de Bandim (Bissau), Nhambanhe e Kirintim (os dois últimos estão ambos em Bafatá) mostram que os preços dos alimentos básicos permanecem elevados. O preço do arroz local vendido a 450 francos CFA por Kg está quase ao mesmo nível que o preço do arroz perfumado importado que vendido a 500 francos CFA. O arroz local é mais caro que o arroz não perfumado importado é vendido a 375 francos CFA por kg. Este fato poderia ser

um obstáculo para a comercialização e desenvolvimento da indústria do arroz local. Além disso, para outros produtos como o peixe e a carne, os preços médios por quilograma (mesmo para a categoria mais barata) são respetivamente de 1.165 e 2.800 FCFA.

Entre agosto de 2016 e junho 2017, os preços do arroz e do açúcar têm experimentado uma tendência relativamente estável marcada por aumentos ligeiros, enquanto o peixe e a carne têm experimentado várias flutuações. No geral, a tendência está para o aumento dos preços de alimentos de base que apresenta elevado se tomarmos em consideração o baixo poder de compra dos agregados em geral e rurais em particular. Os aumentos observados durante o mês de junho de 2017, levaram a associação de consumidores (ACOBES) a interpelar o governo sobre este aumento.



Organisation des Nations Unies
pour l'alimentation
et l'agriculture

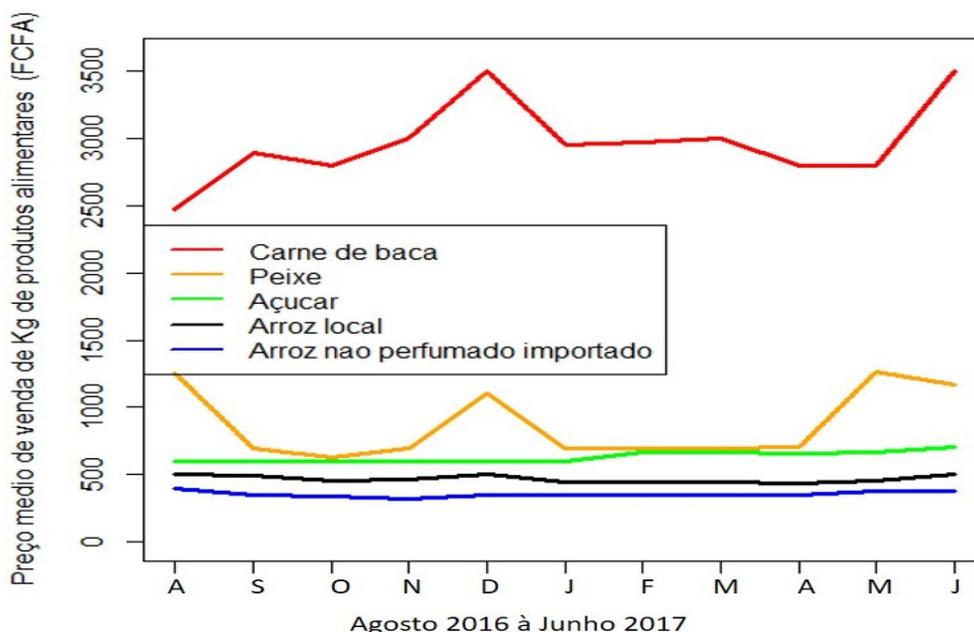


UE-AINDA



Accões Integradas em Nutrição e Desenvolvimento Agrícola

Figura 1: Preço dos produtos alimentares entre agosto de 2016 e junho de 2017



Globalmente as atividades de comércio são tímidas nas zonas rurais, provavelmente devido ao baixo poder de compra dos agregados rurais e também ao isolamento de muitas tabancas por causa do mau estado das vias de acesso e de comunicação.

Produção e comercialização da castanha de caju e da manga

Produção e comercialização da castanha de caju

O período de março à julho corresponde na Guiné-Bissau à campanha de colheita e comercialização de castanha de

caju que é a principal fonte de renda dos agricultores, do setor privado e do Estado. Na verdade, a Guiné-Bissau é o 5º maior produtor e exportador da castanha de caju do mundo, depois da Índia, do Vietnã, da Costa do Marfim e do Brasil. Por causa da sua baixa capacidade de processamento, a Guiné-Bissau exporta quase toda a sua produção em bruto para a Índia. De acordo com a Direcção-Geral do Comércio Exterior, até a data de 26 de junho de 2017, 74.053 toneladas de castanha de caju tinham sido exportadas, a um preço médio de exportação equivalente a 1.932 dólares por tonelada. A previsão das exportações no final da campanha estima-se a 200.000 toneladas.



Organisation des Nations Unies
pour l'alimentation
et l'agriculture



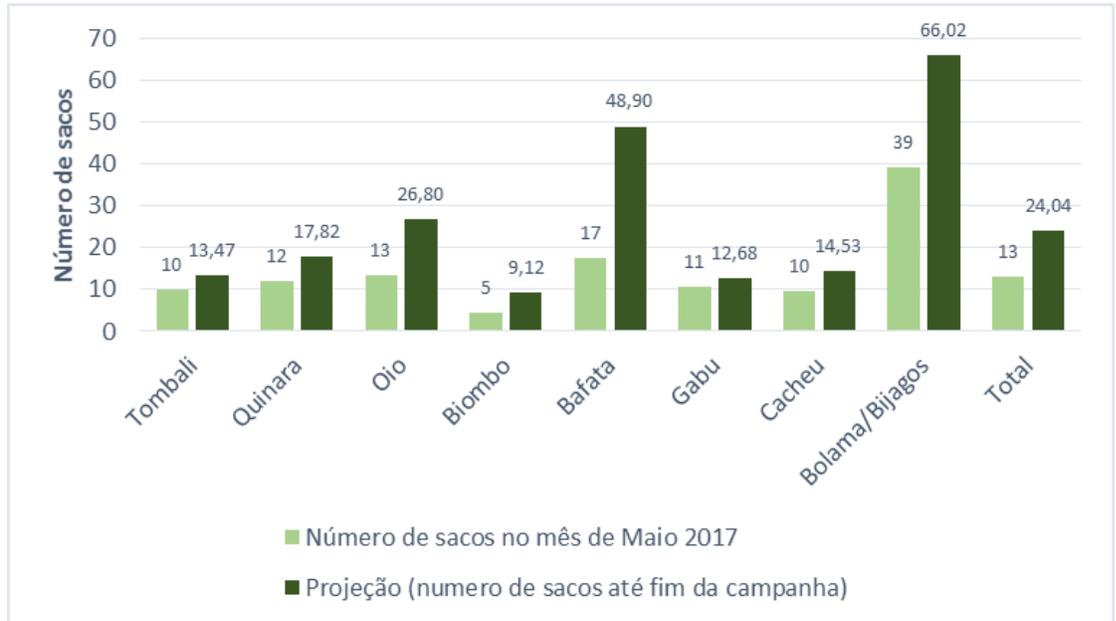
UE-AINDA



Ações Integradas em Nutrição e Desenvolvimento Agrícola

Na ausência de dados estatísticos oficiais sobre a produção de castanha de caju a nível nacional e regional, no quadro deste inquérito, calculou-se uma média de produção dos produtores inquiridos. Embora estes dados não podem substituir as estatísticas oficiais, eles podem dar uma ideia sobre a produção média por produtor como a informação vem diretamente deles. A produção média no mês do inquérito (maio de 2017), foi estimada em 13 sacos de 50kg por produtor e no final da colheita de produção estima-se

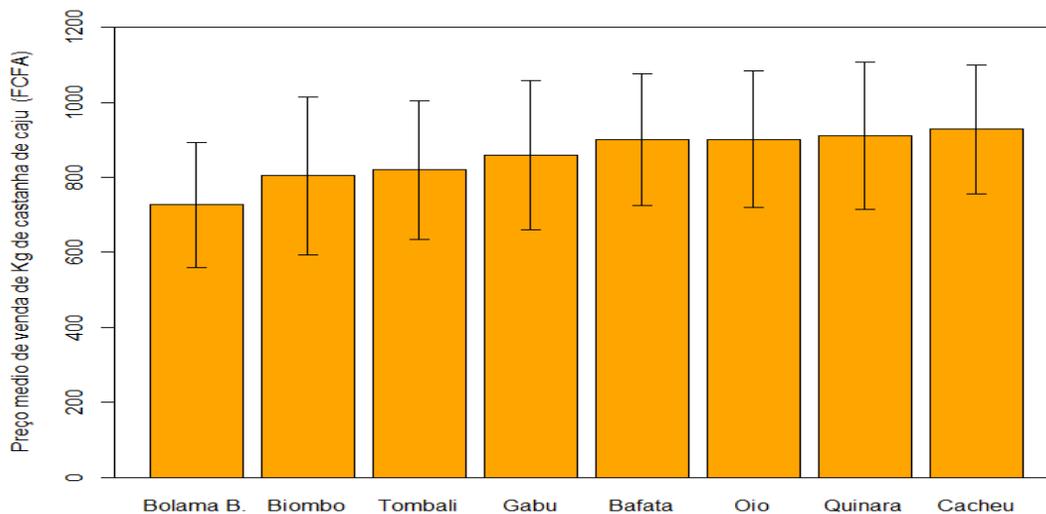
Figura 2: A produção média da castanha de caju (produção em Maio e projeção no final da campanha).



que poderia atingir em média 24 sacos de 50kg, de acordo com as projeções efetuadas pelos produtores. A Figura 2 representa uma visão geral da produção média que é maior na região de Bolama Bijagos e Bafatá.

O preço mínimo de venda do quilograma da castanha de caju foi fixado pelo Estado à 500 FCFA. No entanto, poucos agricultores venderam as suas produções a esse preço pois foram capazes de elevar o preço de venda em torno de 1000 FCFA por quilograma. O preço médio de venda no terreno era de 855 FCFA. A figura 3 dá uma visão geral dos preços médio de venda por região.

Figura 3. Preço médio de venda do kg da Castanha de caju



Organisation des Nations Unies
pour l'alimentation
et l'agriculture



UE-AINDA



Acções Integradas em Nutrição e Desenvolvimento Agrícola

Além de venda de castanha de caju, 44,3% dos produtores procederam a troca das suas castanhas com o arroz. Em média, 1kg de castanha de caju foi trocado contra 2 kg de arroz no início da campanha.

De acordo com os produtores, a principal dificuldade do sector do caju é a fraca produção das plantações de caju (taxa de resposta de 85%). Além das dificuldades citadas pelos produtores, uma das principais fraquezas da campanha de caju parece estar relacionada com a inexistência de um sistema sustentável que permite ter estatísticas oficiais sobre a produção à nível nacional e regional. Uma outra fraqueza do sistema tem a ver com as fracas infraestrutu-

ras de acesso e comunicação (estradas e pistas rurais de acesso transitáveis) que tornam difícil o transporte de castanha de caju para a capital Bissau. Cita-se também como uma das principais fraquezas do setor é o fraco nível da transformação de castanha de caju. Praticamente, toda a produção é vendida em estado bruto, e apenas as polpas de caju são transformados em bebida (vinho e sumo de caju). Com efeito, os dados do inquérito indicam que apenas 9% dos produtores procederam a transformação artesanal das suas castanhas de caju em pequena escala, e apenas 6,8% dos produtores disseram ter formação sobre a transformação e processamento da castanha de caju.

Produção e comercialização de manga

A campanha de produção e comercialização da manga, decorre ao mesmo tempo que a campanha de caju. No entanto, a campanha de manga é muito menos lucrativa do que a de caju, segundo os inquiridos. A dimensão do comércio é muito limitada nas áreas visitadas, a produção é mais para o consumo dos agregados familiares.

No entanto, a produção excede as necessidades de consumo das famílias e na ausência de um sistema de transformação e comercialização, uma boa parte das mangas apodrecem no chão (Figura 4).



Figure 4: Mangos que apodreceram de baixo dum mangueiro

A transformação de mangas em sumos naturais ou outros produtos derivados poderia ser uma atividade importante geradora de rendimento nas zonas rurais, particularmente para as mulheres, muito ativa neste subsector em outros países. Todavia, as tentativas ainda limitadas e artesanais são iniciadas por algumas mulheres que realizam a secagem da polpa de manga posteriormente usada para a alimentação durante o período de escassez ou penúria alimentar.

Embora, o processo deve ser melhorado significativamente, especialmente do ponto de vista higiénico (secagem é frequentemente feita no chão), estas iniciativas apontam para uma tomada de consciência precoce sobre os benefícios que a manga pode trazer a estas comunidades (figura 5).



Figura 5: Polpas de mangas secas



Organisation des Nations Unies
pour l'alimentation
et l'agriculture



UE-AINDA



Accções Integradas em Nutrição e Desenvolvimento Agrícola

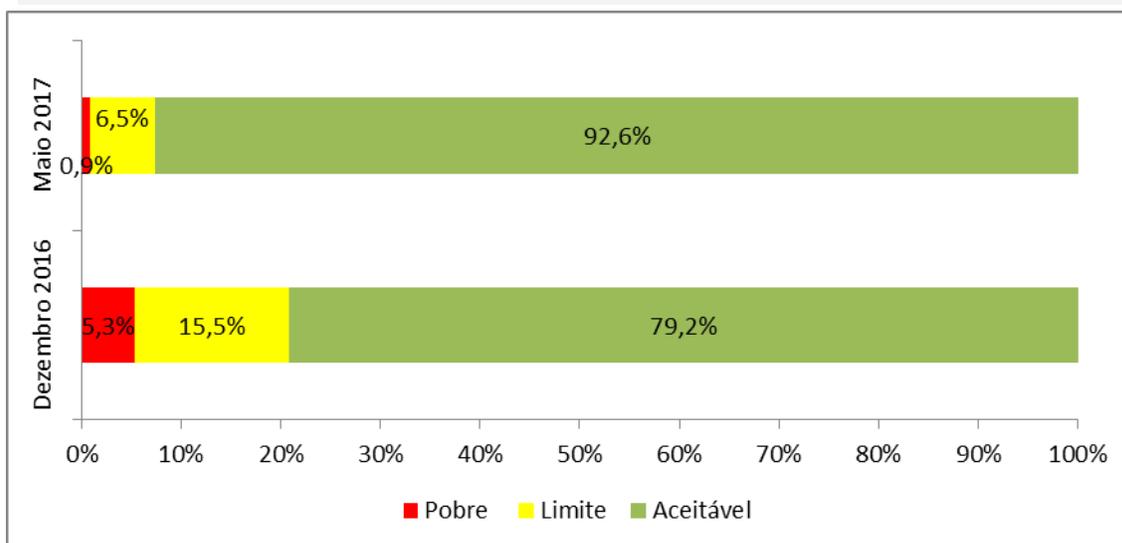
O Consumo Alimentar dos Agregados

O *score* de consumo alimentar (SCA) combina a frequência e diversidade de alimentos consumidos pelos agregados nos últimos 7 dias anteriores ao inquérito.

A análise do SCA mostra que 92,6% dos agregados têm um *score* de consumo alimentar aceitável (*score* > 35), 6,5% dos agregados têm *score* limite (*score* entre 35 e 21) e 0,9% dos agregados têm *score* pobre (*score* < 21).

A situação alimentar do mês de maio de 2017, é largamente melhor do que à de dezembro de 2016 (Figura 6). A melhoria deste indicador é amplamente relacionada à sazonalidade com a campanha de castanhas de caju, que tem melhorado significativamente os rendimentos das populações rurais, permitindo o acesso a alimentos mais diversificados.

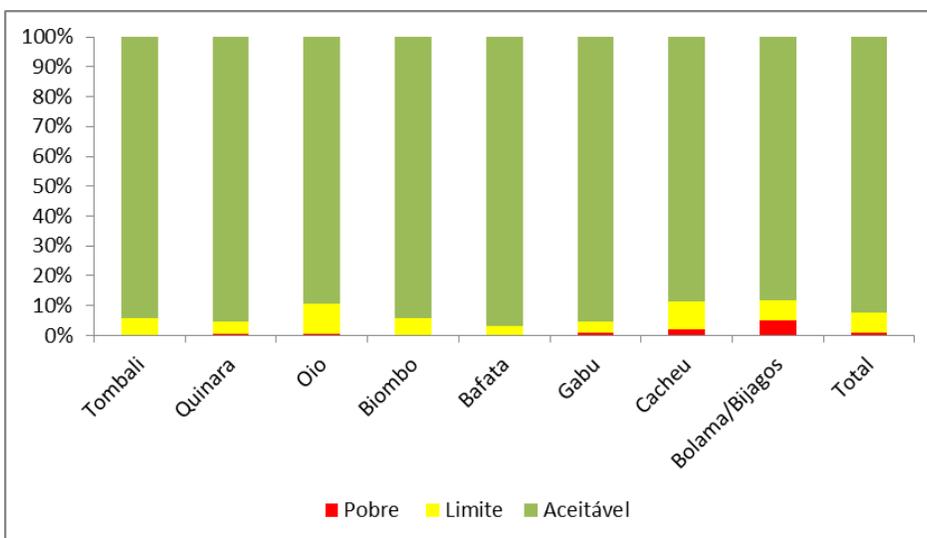
Figura 6: Prevalência dos grupos de Consumo Alimentar em dezembro de 2016 e maio de 2017



As regiões de Bafatá, Quinara e Gabú apresentam as melhores situações em matéria de consumo alimentar com *scores* aceitáveis de pelo menos, 95%. Por outro lado, Bolama Bijagós, Cacheu e Oio apresentam as situações menos boas com menos de 90% de agregados com consumo alimentar aceitável (Figura 7).

Tal como os inquéritos de Setembro e Dezembro de 2016, a situação alimentar apresentada pelo inquérito de maio de 2017 mostra o atraso das regiões de Cacheu e Oio em comparação com as outras regiões.

Figura 7: Prevalência de grupos de Consumo Alimentar por região



Organisation des Nations Unies
pour l'alimentation
et l'agriculture



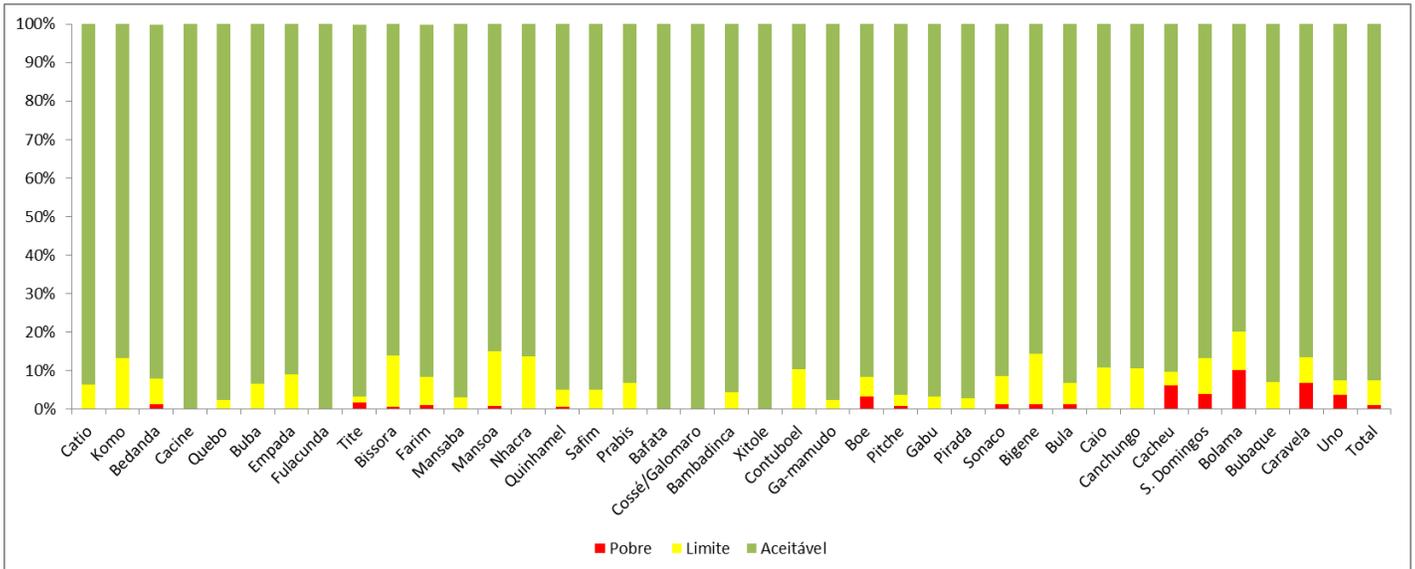
UE-AINDA



Accões Integradas em Nutrição e Desenvolvimento Agrícola

Os sectores com o maior número de agregados com um *score* baixo de consumo alimentar (limite e pobre elevados), são Bolama na região de Bolama Bigagos, Bigene na região de Cacheu, Mansoa e Bissorã na região Oio. Contrariamente, os agregados inquiridos nos Setores de Cachine (Região Tombali), Fulacunda (Região Quinara), Bafatá, Xitole e Galomaro-Cosse (região Bafatá), se destacam com uma situação de *score* aceitável (Figura 8).

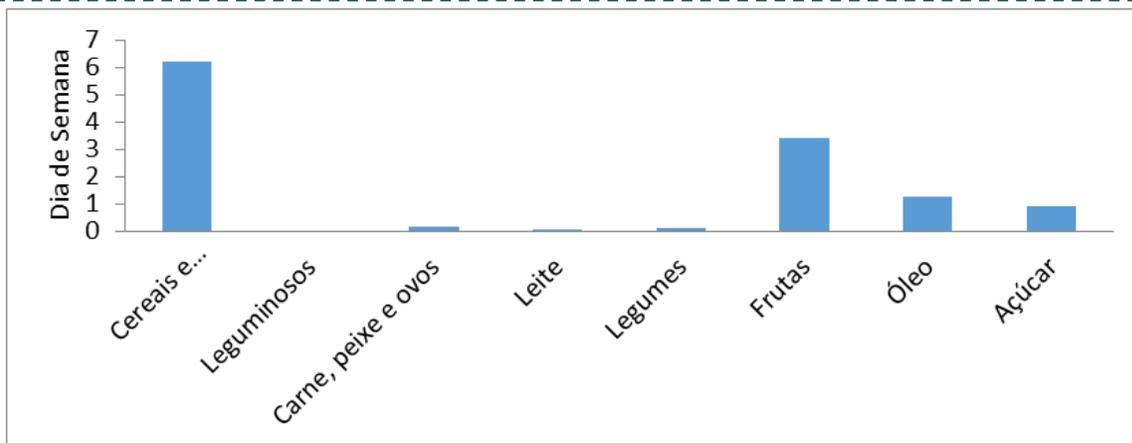
Figura 8: Prevalência dos grupos de consumo alimentar por Sector



Os agregados com consumo alimentar pobre, em média consomem cereais 6 dias por semana. O consumo de frutas (relacionadas com a colheita de mangas e das polpas de caju), óleo e açúcar melhorou significativamente em comparação com o inquérito de Setembro e de dezembro de 2016.

No entanto, outros grupos de alimentos (carne, leguminosas, legumes, produtos lácteos) são apenas ligeiramente consumido com média inferior a 1 dia por semana (Figura 9).

Figura 9: O consumo de grupos de alimentos nos sete dias anteriores ao inquérito dos agregados com consumo alimentar pobre



Organisation des Nations Unies
pour l'alimentation
et l'agriculture



UE-AINDA



Accões Integradas em Nutrição e Desenvolvimento Agrícola

Os agregados com um consumo alimentar limite, consomem os cereais em média 7 dias por semana. Em geral, todos os outros grupos de alimentos são consumidos pelo menos 1 vez nos últimos 7 dias, exceto leguminosas, legumes e produtos lácteos (Figura 10).

Os agregados com um consumo alimentar aceitável, são caracterizados por um consumo regular de diferentes grupos de alimentos. Mesmo o grupo de produtos lácteos são consumidos, pelo menos 1 vez durante a semana anterior ao inquérito (Figura 11).

Figura 10: O consumo de grupos de alimentos nos sete dias anteriores ao inquérito dos agregados com um consumo alimentar limite

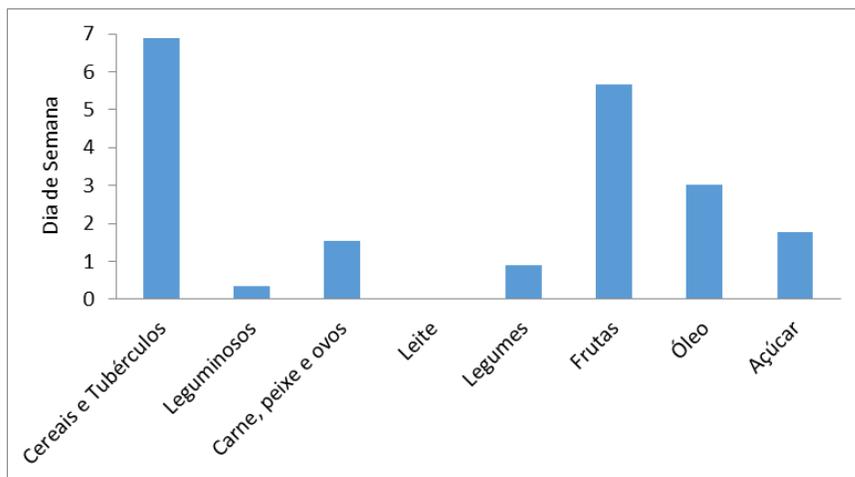
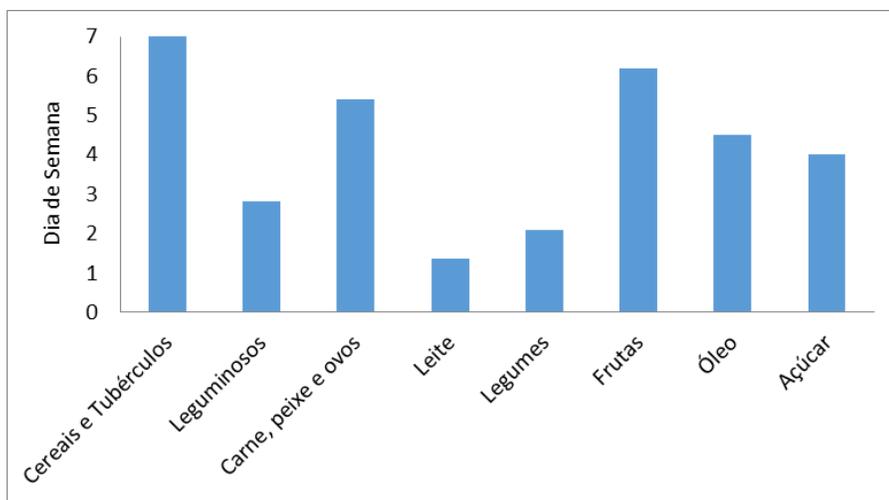


Figura 11: O consumo de grupos de alimentos nos sete dias anteriores ao inquérito dos agregados com consumo alimentar aceitável



Em média, o número de refeições por dia é de 2 para os adultos e um pouco menos de 3 refeições para as crianças menores de cinco anos. Seja qual for a região, o número médio de refeições das crianças não ultrapassa 3 refeições por dia nos agregados rurais.

Para crianças menores de cinco anos, nota-se uma média de 3 refeições por dia nas regiões de Bafatá e Gabu, enquanto para outras regiões a média é inferior a 3 refeições.

No entanto, muitos agregados tomam 2 refeições coletivas por dia, voluntariamente, por causa da abundância de frutas nos lares. Outras famílias não preparavam o almoço, porque a maioria dos membros da família passavam o dia inteiro nas plantações de caju para a colheita.



Organisation des Nations Unies
pour l'alimentation
et l'agriculture



UE-AINDA



Acções Integradas em Nutrição e Desenvolvimento Agrícola

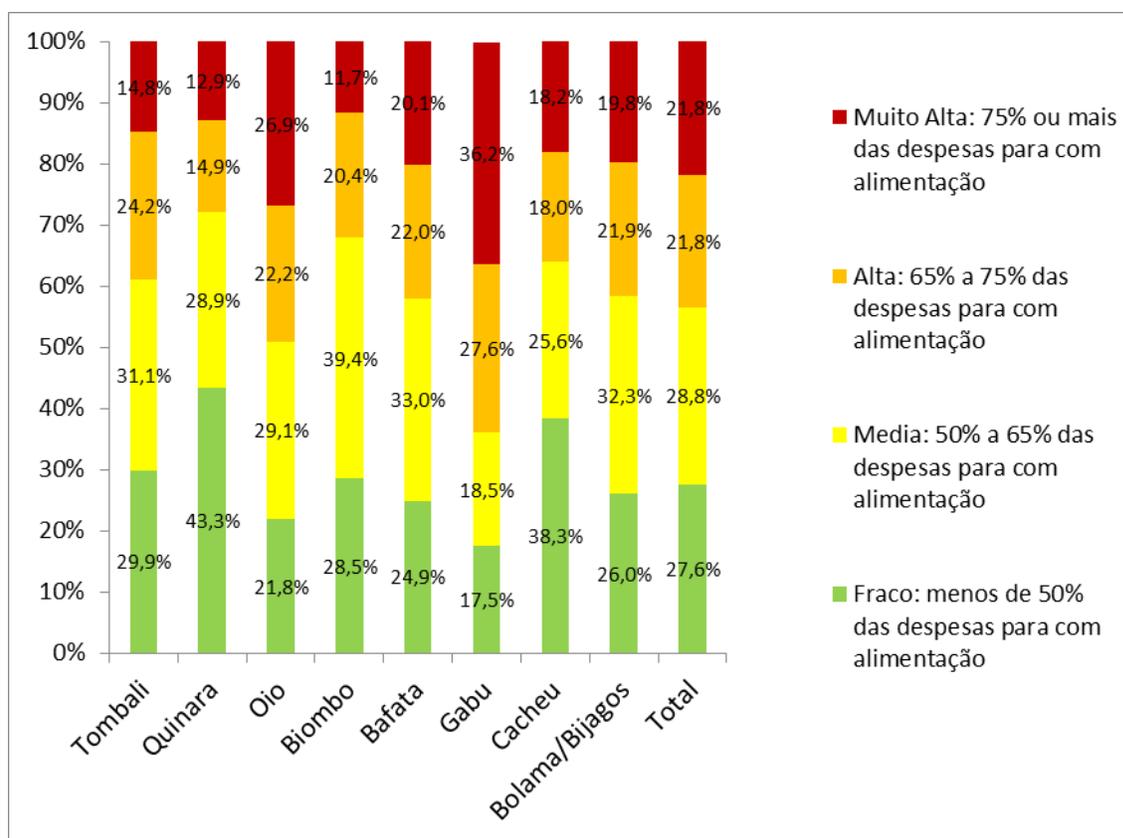
Parte das despesas alimentares

A proporção das despesas alimentares no total das despesas de um agregado dá uma indicação do seu nível de vulnerabilidade económica. De acordo com a metodologia do PAM, se uma família (um agregado) gasta mais de 65% de seu rendimento na compra de alimentos, é considerada em situação de alta vulnerabilidade económica, mostrando sinais de insegurança alimentar elevado.

Em média, a proporção das despesas alimentares em relação às despesas totais dos agregados é de 60% em maio de 2017. No total, 43,6% dos agregados tinham despesas ali-

mentares que excediam 65% das suas despesas totais. Em outras palavras, quase metade dos agregados inquiridos estavam numa situação de vulnerabilidade económica. Os agregados com a baixa proporção de despesas alimentares (menos de 50%), são mais numerosos nas regiões de Quinara (43,3%), Cacheu (38,3%), Tombali (29,9%) e Biombo (28,5 %). Contrariamente, os agregados com proporções de despesas alimentares muito elevadas (75% ou mais), são mais numerosos nas regiões de Gabu (36,2%), e Oio (26,9%). A figura 12 dá uma visão mais detalhada das porções das despesas alimentares por região.

Figura 12: Proporção de despesa alimentar por região.



Globalmente, entre dezembro de 2016 e maio de 2017, o número dos agregados com proporções de despesas alimentares superior à 65% diminuiu-se de 51,4% para 43,6%.

As proporções das despesas alimentares importantes, informem sobre a vulnerabilidade desses agregados que terão dificuldades em investir suficientemente em ativos agrícolas, a saúde ou a educação das crianças.



Organisation des Nations Unies pour l'alimentation et l'agriculture



UE-AINDA



Ações Integradas em Nutrição e Desenvolvimento Agrícola

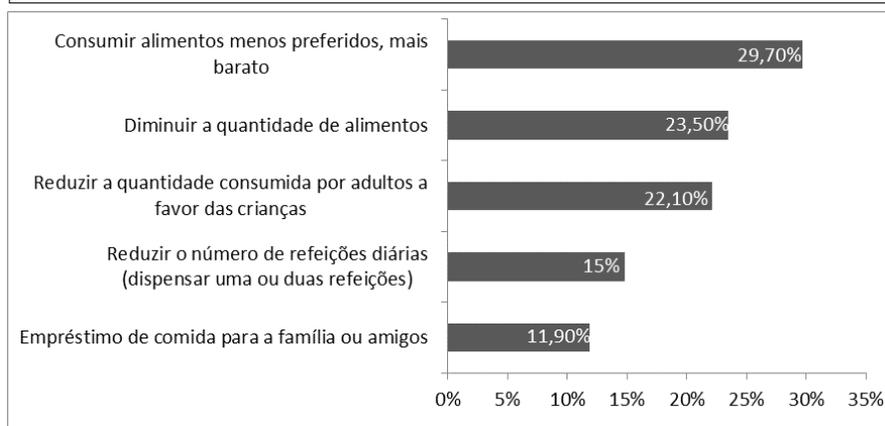
Estratégias de sobrevivência baseadas no consumo

Confrontados com dificuldades e choques, os agregados desenvolveram diversas estratégias de sobrevivência, incluindo aquelas baseadas no consumo. O índice rCSI (*reduced Coping Strategy Index*), foi calculado para esta finalidade. É um indicador utilizado para comparar o nível das dificuldades que enfrentam os agregados de um país, através da medição da frequência e gravidade dos comportamentos de consumo alimentar, adotados quando confrontados com a falta de alimentos.

O valor médio do índice rCSI foi de 4,1 em maio 2017 contra 4,3 em dezembro de 2016. Quanto mais o índice rCSI for elevado, mais vulneráveis são os agregados. Menos da metade dos agregados inquiridos (45,7%) tinham usado pelo menos uma das estratégias baseada no consumo.

O uso de alimentos menos consumidos e mais baratos é a estratégia mais comum (29,7%). A frequência de utilização de outras estratégias varia entre 23 e 12% (figura 13).

Figura 13: Proporção de agregados que utilizam estratégias baseadas no consumo



Estratégia de sobrevivência baseada nos meios de subsistência

Se o uso de estratégias baseadas no consumo esgotem-se ou não permitem resolver os problemas de alimentação, os agregados são obrigados a fazer uso de estratégias baseadas em meios de subsistência. Em maio de 2017, 87,5% dos agregados tinham pelo menos utilizado uma dessas estratégias.

Entre os agregados que utilizaram estratégias de sobrevivência, 48% usaram estratégias de estresse, como emprestar dinheiro ou gastar as suas poupanças, demonstrando uma capacidade reduzida para lidar com choques no futuro, devido a uma diminuição dos recursos ou um aumento das dívidas (PAM, 2014).

Dos agregados inquiridos, 34% usaram estratégias de crise. As estratégias de crise, como a venda de ativos produtivos, reduzem diretamente a produtividade futura como a formação de capital humano (PAM, 2014).

Por fim, 5,5% dos agregados estavam usando estratégias de emergência. Estratégias de emergência, tais como a venda de terras, afetam a produtividade futura, e são mais

difíceis de reverter ou são mais dramáticos (PAM, 2014).

Comparando os inquéritos dos meses de dezembro de 2016 e maio de 2017, nota-se um aumento no número dos agregados que utilizaram as estratégias de sobrevivência baseadas nos meios de subsistência, com uma taxa de 73,3% em dezembro de 2016 contra 87,5% em maio de 2017. No entanto, este aumento pode ser explicado pelo fato de que, na véspera ou durante a campanha de caju, os comerciantes disponibilizaram produtos aos produtores de castanha de caju à crédito (nomeadamente produtos alimentares) para serem pagos antes do final da campanha. Entretanto, o número de agregados em situação de emergência diminuiu significativamente de 18% em dezembro de 2016, para 5,5% em maio de 2017.

A região de Bolama Bijagós regista o maior número de agregados em situações de emergência e de crise, enquanto em Bafatá regista-se quase nenhum caso de agregados que utilizam as estratégias de emergência (Fig.14).



Organisation des Nations Unies
pour l'alimentation
et l'agriculture

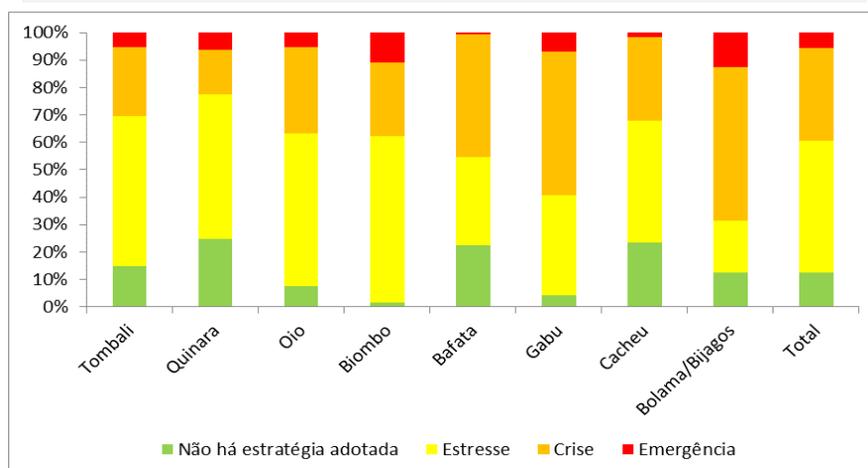


UE-AINDA



Ações Integradas em Nutrição e Desenvolvimento Agrícola

Figura 14: uso de estratégias de sobrevivência baseadas em meios de subsistência



A situação de segurança alimentar

A análise da segurança alimentar através da abordagem CARI mostra que na Guiné-Bissau 15,5% dos agregados nas zonas rurais estavam em situação de insegurança alimentar no mês de maio de 2017.

Especificamente, a análise mostra que 1,1% das famílias estavam sofrendo de insegurança alimentar grave, ou seja, as famílias que têm consumo alimentar muito pobre ou experimentam uma significativa perda de meios de subsistência que os levarão para grandes défices no consumo alimentar ou em situações piores.

A insegurança alimentar moderada afetou 14,4% dos agregados familiares. Tratam-se de famílias que têm gerências deficientes ou que não podem satisfazer as suas necessidades alimentares mínimas, sem recurso a irreversíveis estratégias de sobrevivência.

No entanto, nota-se que 21,7% das famílias estavam em segurança alimentar (famílias capazes de satisfazer as suas necessidades alimentares e não alimentares sem recorrer a estratégias de sobrevivências atípicas), e 62,8% segurança alimentar limite (famílias que têm um consumo alimentar apenas adequada, sem o uso de estratégias de sobrevivência irreversíveis, e que não podem pagar algumas despesas não alimentares essenciais). A Tabela 1 fornece detalhes sobre a classificação da segurança alimentar.

Tabela 1 Classificação da segurança alimentar

	Domínio	Indicadores	Segurança Alimentar	Segurança Alimentar limite	Insegurança Alimentar Moderada	Insegurança Alimentar Grave
Estado Atual	Consumo Alimentar	Score de consumo alimentar	Consumo alimentar aceitável 92,6%		Consumo alimentar limite 6,5%	Consumo alimentar pobre 0,9%
Capacidade de adaptação	Vulnerabilidade Económica	Proporção das despesas Alimentares	Menos de 50% de despesas alimentares 27,6%	Entre 50% e 65% de despesas alimentares 28,8%	Entre 65% e 75% de despesas alimentares 21,8%	Mais de 75% de despesas alimentares 21,8%
	Esgotamento de ativos	Categorias de estratégias de sobrevivência	Nenhuma 12,5%	Estratégias de estresse 48%	Estratégias de crise 34%	Estratégias de Emergência 5,5%
Classificação geral - Índice de Segurança Alimentar			21,7%	62,8%	14,4%	1,1%



Organisation des Nations Unies
pour l'alimentation
et l'agriculture



UE-AINDA

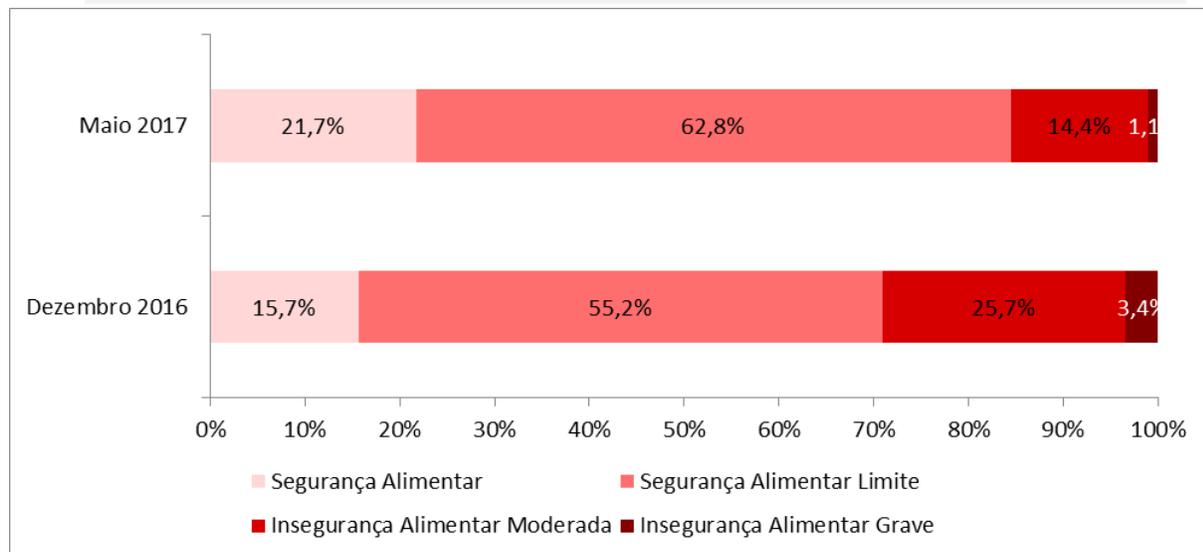
Ações Integradas em Nutrição e Desenvolvimento Agrícola



Os resultados do inquérito do mês de maio 2017 mostram grandes diferenças em relação aos resultados do mês de dezembro de 2016 (figura.15). De fato, as taxas de insegurança alimentar passam de 29,1% em dezembro de 2016, para 15,5% em maio de 2017. Esta queda da insegurança alimentar está sobretudo ligada à sazonalidade, pois o período em que o inquérito foi conduzido coincide com o momento mais propício na Guiné-Bissau devido à campanha de comercialização de castanha da caju. Embo-

ra o mês de dezembro também coincidiu com um período de colheita de cereais, esta campanha não gera muita receita financeira para os agricultores e também contribui timidamente para a diversificação alimentar. Ao contrário da campanha de caju, que contribui significativamente para a frequência do consumo e a variedade dos produtos consumidos.

Figura 15: Situação da Segurança Alimentar em dezembro de 2016 e maio de 2017



Apesar de baixa taxa de insegurança alimentar em maio de 2017 em comparação com os inquéritos anteriores, o futuro dos agregados em insegurança alimentar durante este período que é mais favorável na Guiné-Bissau, poderia ser preocupante, especialmente porque o próximo período de escassez e de penúria está a vista (agosto, setembro e outubro).

No total, 63,6% dos agregados inqueridos tinham stock de alimentos que podiam durar em média três meses, cobrindo desta forma os meses de junho a agosto de 2017. Além disso, o inquérito mostrou que em 2016, os agregados enfrentaram dificuldades alimentares principalmente nos meses de despesas alimentares (setembro, agosto e outubro).

Localização de insegurança alimentar

As taxas de insegurança alimentar são mais elevadas nas regiões de Gabu (21,9%), Bolama Bijagós (20,8%), Cacheu (17,6%), Oio (16,1%) onde as taxas excedem a média global de 15,5% (Mapa 1). Este inquérito

confirma a vulnerabilidade das regiões de Cacheu e Oio à insegurança alimentar, apesar das taxas terem baixados significativamente em comparação com os inquéritos anteriores.

No entanto, na região de Biombo regista-se como nos inquéritos anteriores (setembro e dezembro de 2016) a menor taxa de insegurança alimentar (7,9%). A região de Biombo parece beneficiar de sua proximidade com a capital Bissau. As regiões de Quinara e Tombali também registaram igualmente taxas de insegurança alimentar abaixo da média geral. Em dezembro de 2016, no entanto, Tombali foi mais afetada pela insegurança alimentar por causa das inundações nas bolanhas de arroz de água salgada, que destruiu grande parte das culturas de arroz.

Este inquérito mostra que a região de Tombali dispõe potencialidades que permitem garantir a segurança alimentar, desde que os efeitos dos choques, como inundações frequentes fossem controlados da melhor forma.



Organisation des Nations Unies
pour l'alimentation
et l'agriculture

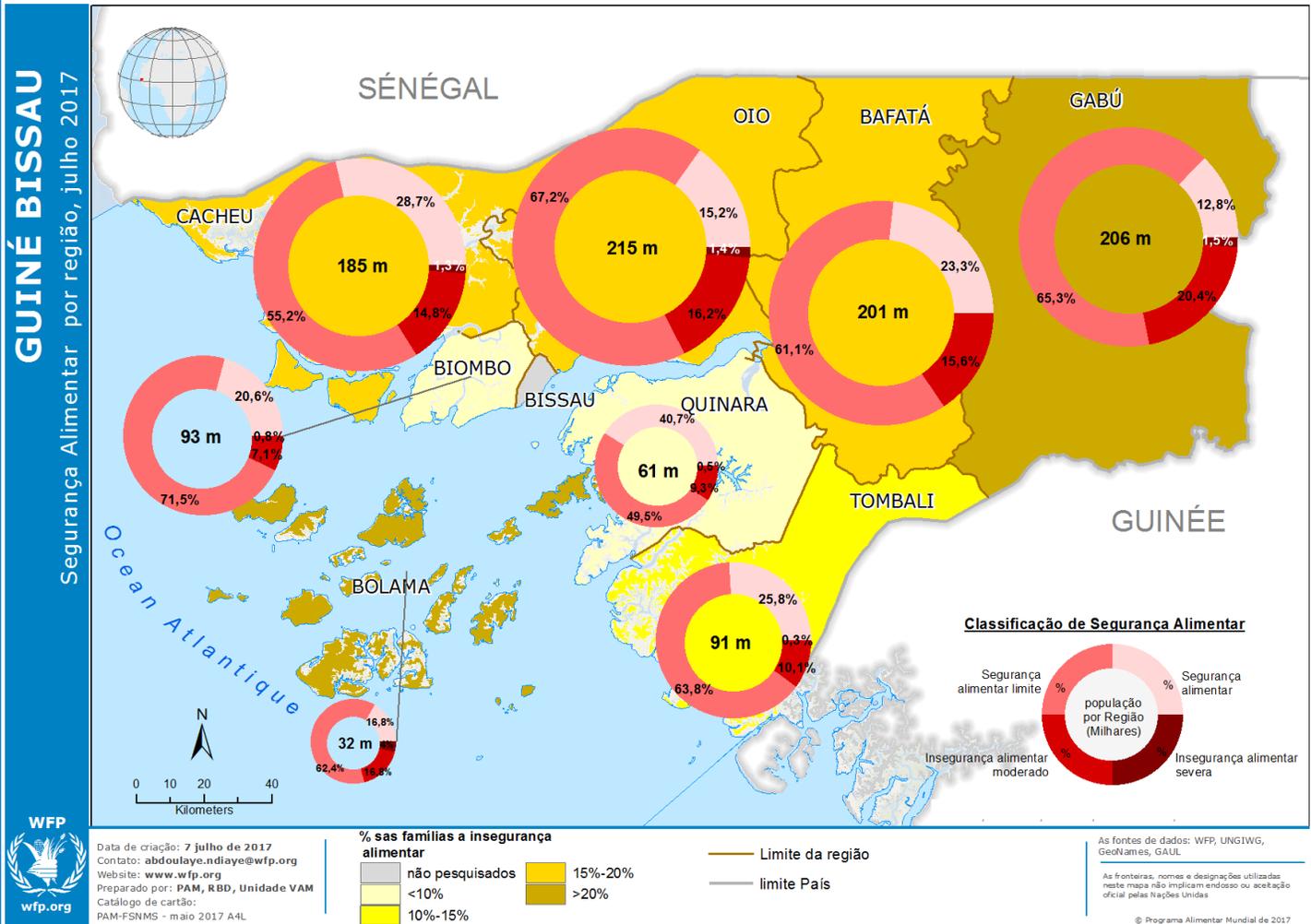


UE-AINDA



Acções Integradas em Nutrição e Desenvolvimento Agrícola

Mapa 1: Situação da Segurança Alimentar por Região

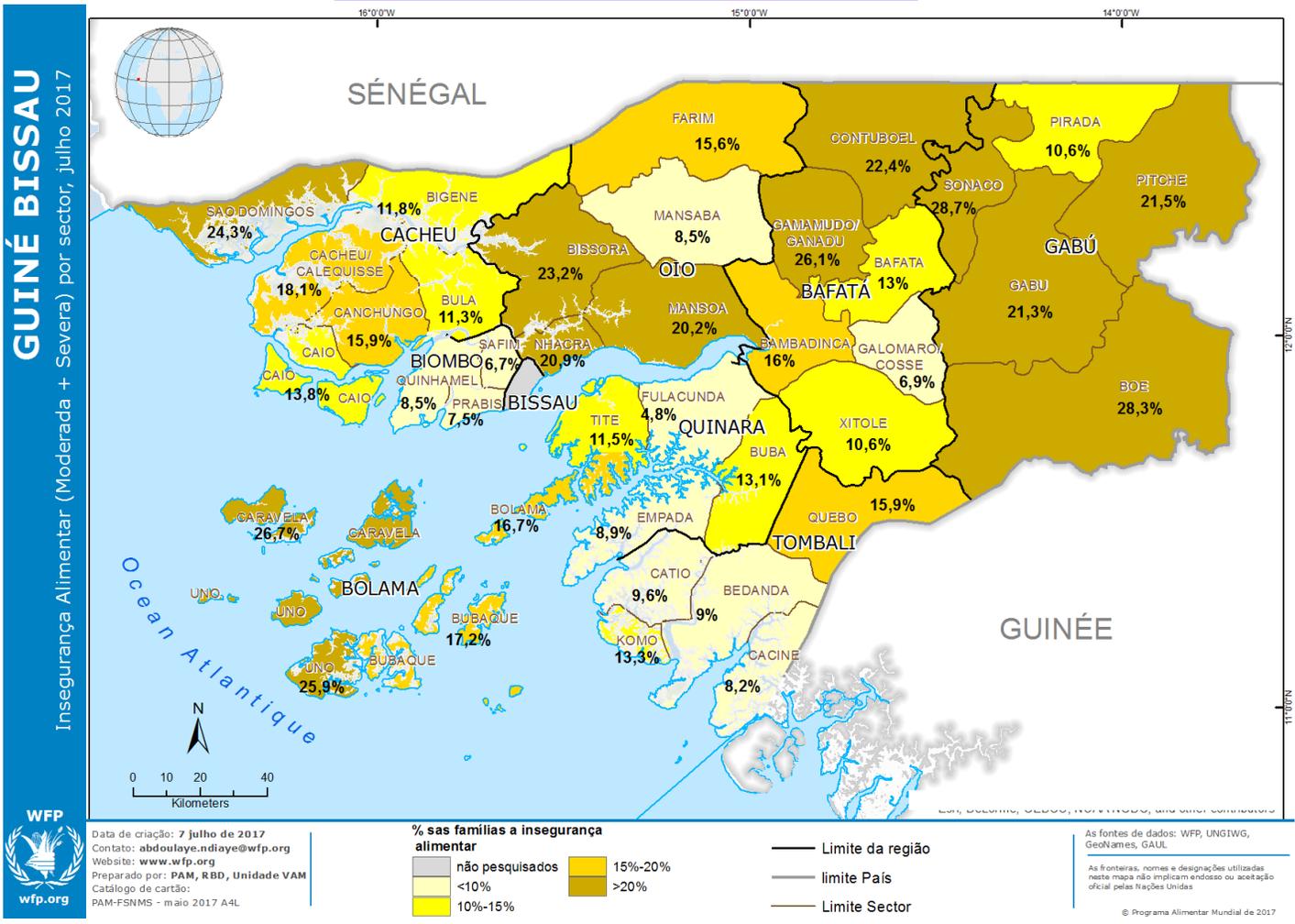


O mapeamento da insegurança alimentar por sector mostra uma grande variação das taxas que vão de 4,8% a 28,7% (Mapa 2). O mapeamento também mostra que a insegurança alimentar não se refere a uma área determinada do país, exceto sul a parte continental do país, onde as taxas de insegurança alimentar são mais baixas.

Os sectores mais afectados são: Sonaco (28,7%), Boé (28,3%) e Caravela (26,7%). Ao contrario, os sectores menos afectados são Fulacunda (4,8%), Safim (6,7%) e

Galomaro/Cosse (6,9%). Finalmente, no mês de setembro de 2016, apenas 02 (dois) sectores não tinham nenhum agregado em insegurança alimentar grave, contra doze (12) sectores em dezembro de 2016 e 20 (vinte) sectores em mês de maio de 2017.

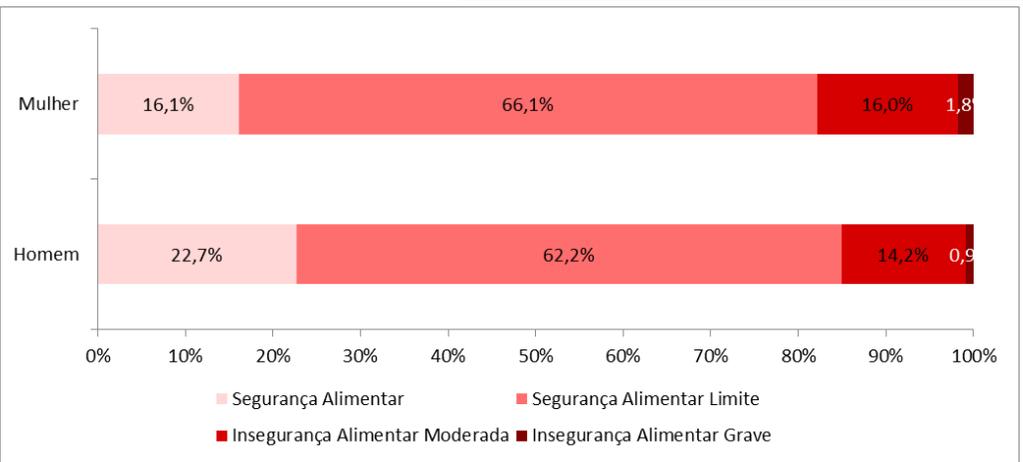
Mapa 2: Situação da Segurança Alimentar por Setor



Perfil dos agregados em Insegurança Alimentar

A análise comparativa com base no sexo do chefe do agregado familiar mostra que as famílias chefiadas por mulheres são mais afetadas pela insegurança alimentar do que aquelas chefiadas por homens (Fig. 16). De fato, a insegurança alimentar atinge 17,8% nos agregados familiares chefiados por uma mulher, contra 15,1% nos agregados familiares chefiados por um homem. Entretanto, esta diferença é estatisticamente insignificante, com um valor de p-value de 0,133.

Figura 16: A Segurança Alimentar de acordo com sexo do chefe do agregado

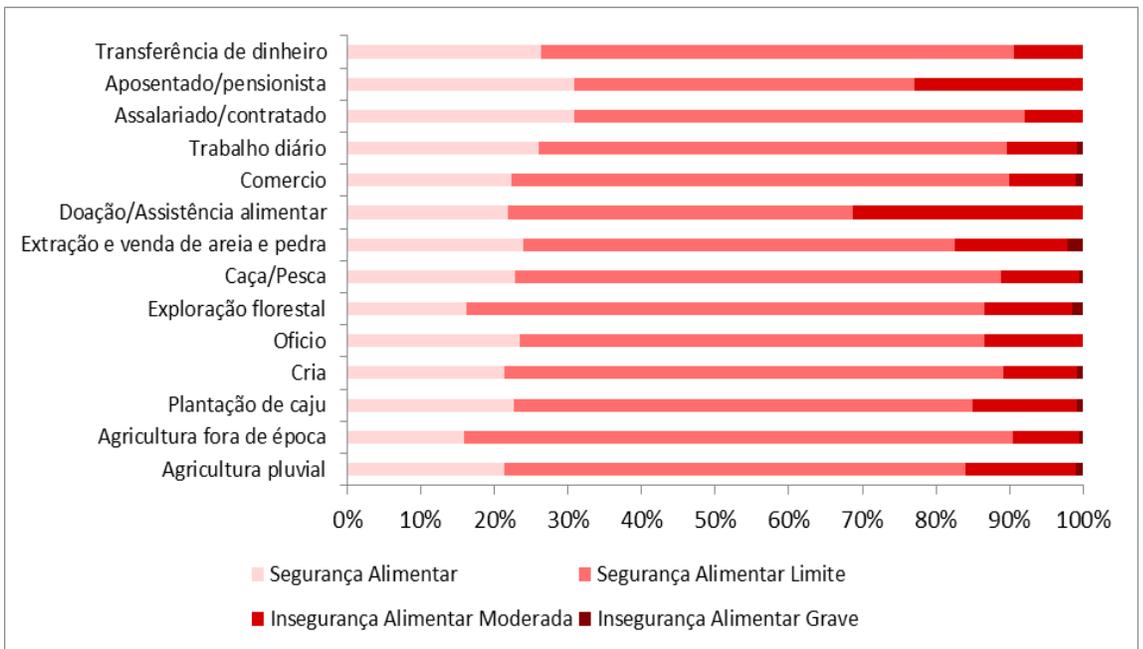


O nível de instrução dos chefes de agregados em insegurança alimentar é geralmente fraco com 62,3% de chefes dos agregados sem nenhum nível de instrução. Entre os instruídos, 63,6% têm apenas o nível primário e 1,1% declaram ter um curso superior mas sem a obtenção de um diploma de ensino superior.

A principal fonte de rendimento dos agregados familiares em insegurança alimentar é a agricultura, pois é a principal atividade

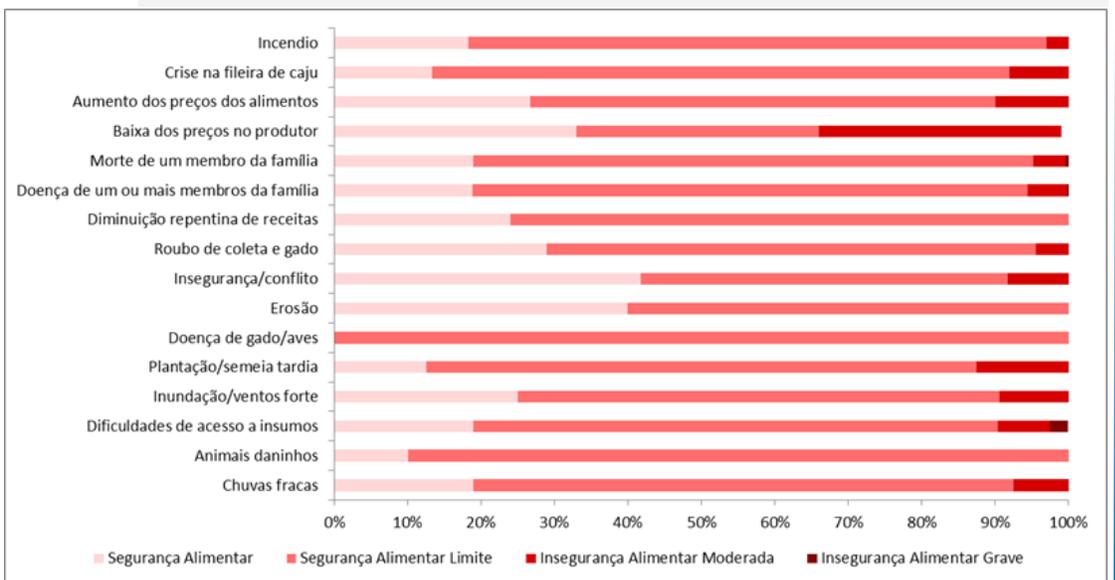
praticada pelos agregados inquiridos. No entanto, a análise dentro de cada grupo mostra que os agregados familiares mais vulneráveis são aqueles que vivem principalmente de doações, os agregados chefiados por aposentados e aqueles que vivem da exploração e comercialização de areia (fig.17). Ao contrário, os agregados familiares menos vulneráveis são aqueles chefiados por assalariados/contratados, os agregados que vivem de transferência de dinheiro e aqueles que vivem da agricultura fora da época.

Figura 17: Segurança Alimentar em função do fonte de rendimento do agregado



De todos os agregados familiares inquiridos, os choques mais citados são doenças de um membro do agregado ou parente (26,9%), a morte de um membro do agregado ou parente (26,7%), a crise de fileira de caju (12,8%) e déficit das chuvas (7,6%). No entanto, os choques que mais afetaram os agregados em insegurança alimentar são baixa dos preços ao produtor, plantação/semearia tardia, aumento dos preços dos produtos alimentares (Fig. 18).

Figura 18: Segurança Alimentar em termos de choques para os agregados familiares



Situação nutricional das crianças de 6 a 59 meses

Globalmente os dados de nutrição deste inquérito são muito mais precisos que os dados coletados em dezembro 2016, apos o relatório de plausibilidade nomeadamente o *score* da preferência numérica para as medições de PB/MUAC que passa de 29 no mês de dezembro de 2016 para 16 no mês de maio de 2017. Lembre-se que durante o último SMART 2012, o *score* de preferência numérica foi considerado excelente (*score* compreendido entre 0 e 7).

No total, trabalhou-se com um grupo de 3.316 crianças de 6-59 meses de idade, todas pertencendo às mesmas famílias que responderam as perguntas sobre a segurança alimentar. No geral, a média de idade dessas crianças é de 32 meses, com quase paridade de género 52,1% de meninos e 47,9% de meninas. Embora a diferença sexo-rácio seja significativamente ($p = 0,018$), é aceitável para o relatório de plausibilidade ENA.

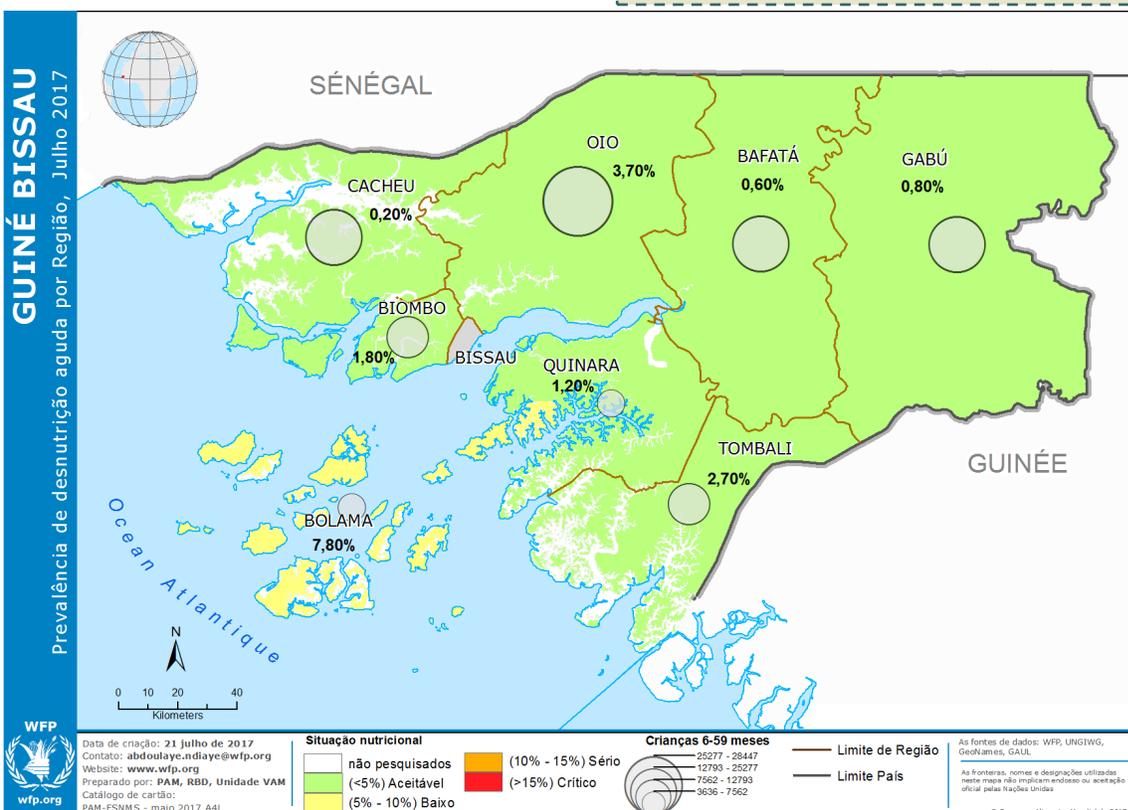
Os resultados calculados exclusivamente através de PB/MUAC e a busca de edemas, mostram que em maio de 2017, 98,2% das crianças de 6-59 meses de idade tinham

um estado nutricional normal (MUAC verde), 1,3% estavam sofrendo de desnutrição aguda moderada (DAM, MUAC amarelo) e 0,5% estavam sofrendo de desnutrição aguda grave (DAG, MUAC vermelho). Apenas um caso de edema foi encontrado entre as crianças medidas neste inquérito. No total, com uma taxa de desnutrição aguda é de 1,8%, a prevalência na Guiné-Bissau é aceitável. Entre as crianças desnutridas, 53,8% estavam doentes nas 2 semanas anteriores ao inquérito e 21,4% delas não receberam consultas numa unidade de saúde principalmente por razões financeira (57% dos casos).

Localização de desnutrição

A nível regional, a taxa de desnutrição aguda (MUAC amarelo e vermelho) é mais elevada na região insular Bolama Bijagós com 7,8% [3,1-18,5]. Fora das ilhas, a situação da desnutrição aguda está a um nível aceitável, em todas as regiões do país com taxas variando de 0,2 a 3,7% (Mapa 3).

Mapa 3: Situação de desnutrição aguda das crianças de 6 a 59 meses de idade por região, depois de medição de perímetro braquial e busca de edemas bilaterais



NB: Não há limite para MUAC, os limites (aceitável, fraco, sério, crítico) no mapa como no texto são usadas apenas por conveniência.



Organisation des Nations Unies
pour l'alimentation
et l'agriculture



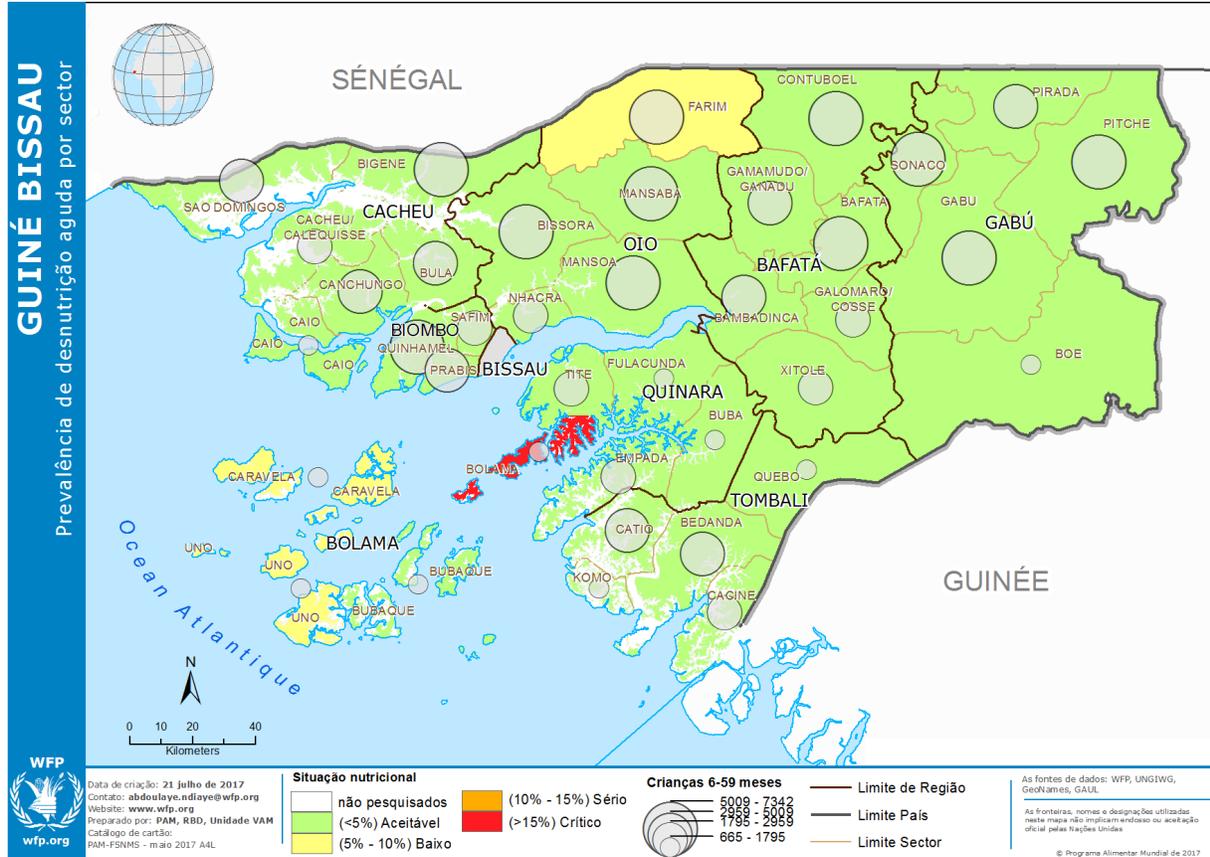
UE-AINDA



Ações Integradas em Nutrição e Desenvolvimento Agrícola

A análise por setor da situação nutricional no país mostra que em maio de 2017, 1 dos 38 setores tinham uma situação crítica (taxa maior ou igual a 15%), 3 sectores tinham uma situação fraca/precária (taxa entre 5 a 10%) e 34 setores tinham estado nutricional aceitável (taxa inferior a 5%). No entanto, em 18 setores as equipas de inquiridores passaram sem observar casos de desnutrição. (Mapa 4).

Mapa 4: Situação de desnutrição aguda das crianças de 6 a 59 meses de idade por setor, depois de medição de perímetro braquial e busca de edemas bilaterais



NB: Não há limite para MUAC, os limites (aceitável, fraco, sério, crítico) no mapa como no texto são usadas apenas por conveniência.

Em suma, existem vários setores com uma situação nutricional aceitável que correspondem os setores ou uma fraca taxas de insegurança alimentar já relatados. No entanto, em geral, essa relação não é linear. O estado nutricional, bem como a segurança alimentar, resultam das estratégias de vida e dos diversos recursos mobilizados pelos agregados. Todavia, a situação nutricional não só deve ser correlacionada com a segurança alimentar, pois as causas da desnutrição são múltiplas e de diferentes ordens. A desnutrição também pode ser causada pela ocorrência de doenças que tenham um impacto direto na nutrição, como a malária e as doenças diarreicas.

Os quatro (04) setores (Bolama, Uno, Caravela e Farim) que têm registado taxas de desnutrição aguda superiores a 5% são todos situados nas zonas com taxas elevadas de insegurança alimentar variando de 15,6% a 26,7%, acima da média global (15,5%). Esses setores também compartilham um ponto comum que é o seu isolamento. De fato, os três setores são insulares e existe somente um barco operacional que faz o transporte uma vez por semana entre o setor Bolama e a capital Bissau. Não há serviço de transporte regular entre as próprias lhas ou entre elas e Bissau. Enquanto o setor de Farim, é isolado pelo rio Farim, o que necessita uma travessia (jangada) para chegar em certas regiões do país principalmente para a capital

Bissau. Este isolamento pode afetar negativamente o estado nutricional devido ao difícil acesso às estruturas de saúde de referência e os problemas dos mercados de abastecimento em produtos alimentares e de saúde.

Diversidade alimentar mínima

Diversidade alimentar mínima das crianças de 6-23 meses de idade

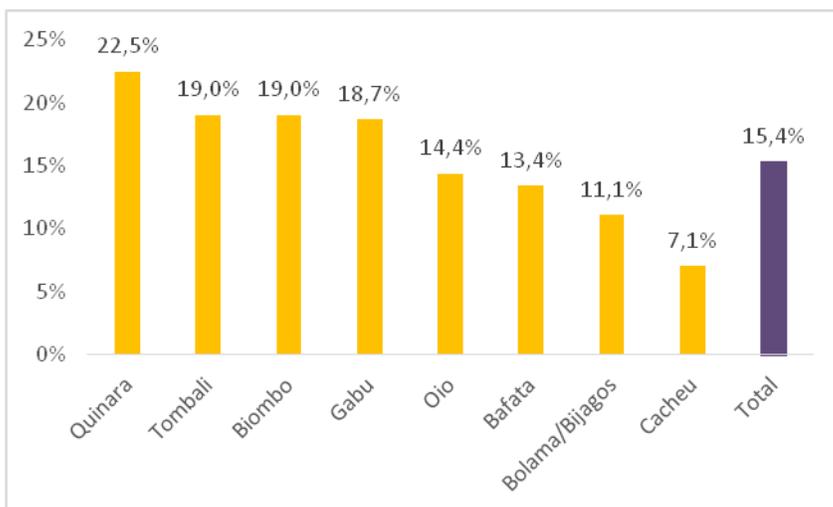
A diversidade alimentar mínima é avaliada para as crianças com idades compreendida entre 6 e 23 meses. Uma criança tem uma diversidade alimentar mínima quando recebe durante as últimas 24 horas pelo menos 4 grupos de alimentos (dos 7 grupos de alimentos mencionados acima).

Em suma, a diversidade alimentar mínima das crianças de 6 a 23 meses nas zonas rurais da Guiné-Bissau era de 15,4% em maio de 2017. Recorda-se que em de 2012, no quadro do inquérito de SMART, a taxa era de 10,1%, e em 2014 no quadro do inquérito MICS, a taxa foi de 12,7%. Embora se observa um aumento em relação a esses outros inquéritos nacionais, a taxa observada em 2017 permanece a um nível considerado baixo.

Além disso, a diversidade alimentar mínima aumenta em função de idade. Ela é de 7,3% para as crianças da faixa etária 6-11 meses, 15,6% para o grupo etário 11-17 meses e de 22,4% para o grupo etário 18-23 meses. Este aumento está relacionado com a introdução gradual de novos alimentos na alimentação das crianças.

A nível regional, Quinara regista a taxa de diversidade alimentar mínima mais elevada, enquanto Cacheu e Bolama Bijagós têm a menor taxa (Figura 19).

Figure 19: Diversidade alimentar mínima das crianças de 6-23 meses de idade por região

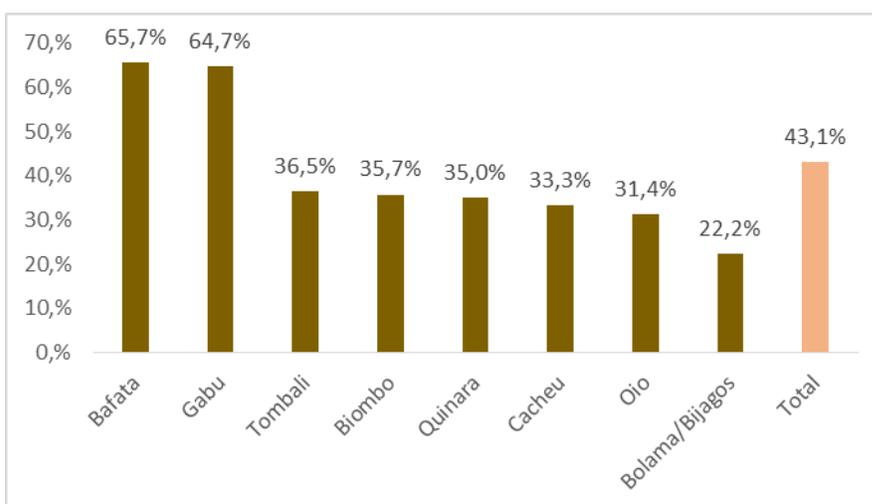


Diversidade alimentar mínima das mulheres

Em maio de 2017, a diversidade alimentar mínima das mulheres era de 43,1% nas zonas rurais da Guiné-Bissau (figura 20). Considera-se que uma mulher tem uma diversidade alimentar mínima quando recebeu nas últimas 24 horas, pelo menos 5 grupos de alimentos entre os dez (10) mencionados acima.

Nas regiões de Bafatá e Gabu, encontram-se mais mulheres com a diversidade alimentar mínima, 65,7% e 64,7%, respetivamente. No entanto, Bolama Bijagós e Oio registam as taxas mais baixas com 22,2% e 31,4% respetivamente.

Figure 20: Diversidade alimentar mínima das mulheres por região



Organisation des Nations Unies
pour l'alimentation
et l'agriculture



UE-AINDA



Acções Integradas em Nutrição e Desenvolvimento Agrícola

Perfil das crianças desnutridas

Mais de metade (61,9%) das crianças desnutridas se encontram nos agregados familiares em situação de segurança alimentar limite e em 26,5% dos agregados em insegurança alimentar.

Entre as crianças de 6-23 meses que não têm a diversidade alimentar mínima, 6,5% estão em situação de desnutrição. No entanto, para as crianças com uma diversidade

alimentar mínima, a taxa de desnutrição aguda é de 2,5%.

Para as mulheres que não têm uma diversidade alimentar mínima, 6,7% das suas crianças de 6-23 meses são desnutridas contra 4,7% para as mulheres com diversidade alimentar mínima. Estes resultados mostram que a taxa de desnutrição aguda é menor quando há uma diversidade alimentar mínima para a criança e a sua mãe.

Conclusões

Em maio de 2017, a insegurança alimentar nos agregados rurais na Guiné-Bissau era de 15,5%, contra 29,1% em dezembro de 2016. Essa queda muito significativa está relacionada com a sazonalidade. O período no qual o inquérito foi realizado coincidiu com a campanha de produção e comercialização da castanha de caju e das mangas. Em média, 63,6% dos agregados tinham stocks de alimentos que poderiam durar 3 meses, cobrindo os meses de junho a agosto de 2017. No entanto, o início da próxima colheita de cereais só está prevista para o mês de outubro em algumas regiões, e as vezes mais tarde para outras, o que não deixa de afectar os

agregados mais vulneráveis. Desta feita a produção de caju não pode cobrir as necessidades dos agregados até a próxima campanha agrícola (cereais) e vice-versa. Portanto, há períodos de escassez de alimentos que levam algumas famílias, por vezes, a utilizar estratégias de sobrevivência irreversíveis. A melhor otimização das duas campanhas (cereais e caju) é necessária para lutar eficazmente contra a insegurança alimentar.

Paralelamente a situação alimentar, a situação nutricional era aceitável em zonas rurais com taxas de desnutrição aguda (calculada com base no PB/MUAC) igual a 1,8%.

Recomendações

- Promover maior diversidade na produção agrícola e campanhas de sensibilização sobre os valores nutritivos dos produtos locais;
- Garantir maior eficiência no seguimento e maior controlo dos preços dos produtos de base nos mercados nacionais;
- Operacionalizar as recomendações do SiSSAN à diferentes níveis;
- Reforçar a comunicação entre diferentes fóruns de discussão sobre segurança alimentar;
- Promover a valorização dos produtos agrícolas e sua transformação;
- Introduzir as variedades de ciclo curto para melhor enfrentar as mudanças climáticas;
- Promover a introdução no currículo escolar de temáticas transversais relacionados com a alimentação e nutrição;
- Estabelecer uma vigilância nutricional regular, particularmente nos setores de Bolama, Uno, Caravela e Farim, bem como o encaminhamento de casos de desnutrição para estruturas de manejo;
- Elaborar e implementar uma resposta de segurança alimentar que seja mais sensível à nutrição,
- Criar e implementar iniciativas que permitem combater a proliferação de pragas que afetam os produtos agrícolas;
- Melhorar as pistas rurais;
- Incluir as zonas urbanas no inquérito do SiSSAN.



Organisation des Nations Unies
pour l'alimentation
et l'agriculture



UE-AINDA



Ações Integradas em Nutrição e Desenvolvimento Agrícola

Destaque

- Em maio de 2017, a taxa de insegurança alimentar nos agregados rurais da Guiné-Bissau era de 15,5%, no qual 1,1% em insegurança alimentar grave. Trata-se de uma redução significativa em comparação com o inquérito de dezembro 2016, onde a taxa era de 29,1%. Esta redução está relacionada com a sazonalidade, pelo fato do inquérito de maio 2017 ter sido realizado durante a campanha de produção e comercialização da castanha de caju que é a principal fonte de rendimento dos agricultores e do Estado.
- As regiões de Gabu (21,9%), região Bolama (20,8%), Cacheu (17,6%) e Oio (16,1%) são as mais afetadas pela insegurança alimentar. Ao contrário, as taxas mais baixas são observadas nas regiões de Biombo (7,9%), Quinara (9,8%) e Tombali (10,4%). Além disso, em setembro de 2016, apenas 2 (dois) setores que não apresentavam nenhuma situação de insegurança alimentar grave, contra doze (12) setores em dezembro 2016 e 20 (vinte) Setores no mês de maio de 2017.
- A análise do perfil dos agregados em insegurança alimentar mostra que quando o nível de escolaridade é baixo, maior é a probabilidade do agregado familiar estar em situação de insegurança alimentar. Além disso, não há diferença significativa em termos de insegurança alimentar entre os agregados familiares chefiados por homens e aqueles chefiados por mulheres.
Além disso, a taxa de insegurança alimentar grave nos agregados chefiados por mulheres (1,8%) é duas vezes maior do que a taxa dos agregados chefiados por homens.
- Globalmente, a maior parte dos agregados inquiridos declararam dispor de um estoque de alimentos que permite cobrir 3 meses de consumo (até Agosto de 2017), o que poderá criar problemas de alimentação entre setembro e a próxima colheita prevista a partir do mês de outubro, ou mais tarde em algumas regiões do país.
- Em maio de 2017, a taxa de desnutrição aguda de crianças de 6 a 59 meses, determinado apenas a partir de medidas do perímetro braquial (MUAC) nas zonas rurais da Guiné-Bissau era de 1,8% [1,4 a 2,4] incluindo 0,5% [0,3 - 0,8] de desnutrição aguda grave e 1,3% [1,0 - 1,8] de desnutrição aguda moderada. Estes resultados mostram uma diminuição da desnutrição aguda de 3,6% em relação aos resultados de Dezembro de 2016.
- Quatro (04) setores (Bolama, Uno, Caravela e Farim) têm registado as prevalências totais de desnutrição aguda superior à 5%. Além das taxas de insegurança alimentar elevadas (variam de 15,6% para 26,7%), o que é mais comum nestes sectores é o seu isolamento. Os três primeiros setores são ilhas e o quarto, Farim, é isolado pelo rio do mesmo nome, que não facilita o aprovisionamento dos produtos alimentares de saúde.
- Em maio de 2017, a diversidade alimentar mínima de crianças de 6-23 meses nas zonas rurais da Guiné-Bissau era de 15,4% e, 43,1% nas mulheres 15-49 anos. Os resultados deste inquérito mostram que a taxa total de desnutrição aguda é menor quando a criança e a sua mãe têm uma diversidade alimentar mínima elevada.



Organisation des Nations Unies
pour l'alimentation
et l'agriculture



UE-AINDA



Accções Integradas em Nutrição e Desenvolvimento Agrícola

Para mais informações contate:

Kiyomi KAWAGUCHI: Representante e Diretora do PAM: kiyomi.kawaguchi@wfp.org

Bob BARAD: Diretor Adjunto, chefe de programa: bob.barad@wfp.org

Elber Nosolini: National Programme Officer: elber.nosolini@wfp.org

Grupo de Coordenação

Momadou Sow (PAM) momadou.sow@wfp.org

Malam Homi Indjai (AiFA/PALOP) mandjai1@hotmail.com

Bailo Queta (MADR/DEA) queta.bailo@yahoo.com

Comité de correção de Boletim

Augusto Bok (INEP) augustobock68@gmail.com

Martiniano Galo Gomes (MADR) gomesmartinianogalo@yahoo.com.br



Organisation des Nations Unies
pour l'alimentation
et l'agriculture



UE-AINDA



Ações Integradas em Nutrição e Desenvolvimento Agrícola